

A HIPÓTESE GORGIANA: POR UMA LEITURA DA OBRA PLATÔNICA

THE GORGIAN HYPOTHESIS: FOR A READING OF PLATONIC WORK

Vicente Thiago Freire Brazil¹

RESUMO: De maneira reconhecida ou não, a presença de Górgias, e suas teses, no corpus platônico transcende os limites da presença da personagem Górgias nos sete diálogos em que este é mencionado por Platão. Diante de uma influência multifacetada – que abarca desde questões relativas à linguagem, passando pela metafísica, política e estatuto da arte – faz-se necessário um recorte para melhor evidenciar a apropriação e reelaboração platônica do quadro conceitual gorgiano. A pretensão é fazer uma releitura de alguns momentos do texto platônico por meio de um destaque às referências, diretas e indiretas, que nele estão contidas, tanto da sofística de um modo geral, como de Górgias de Leontinos de modo específico. A tese que se pretende defender é a de que as principais hipóteses teóricas apresentadas pelos sofistas, e por Górgias de modo proeminente, devem ser consideradas imprescindíveis para a construção da filosofia platônica – ainda que esta constitua-se como reação ou apropriação seletiva daquelas. Assim, a indústria platônica não se constitui apenas em desqualificar o edifício filosófico gorgiano, a fim de erguer suas teses sobre as ruínas deste, mas também utilizar alguns conceitos da empresa filosófica de Górgias como vigas-mestras da nova perspectiva reflexiva que o discípulo de Sócrates comprometeu-se a desenvolver.

Palavras-chave: Górgias; Platão; Sofística; Platonismo; Discurso.

ABSTRACT: Recognized or not, the presence of Gorgias, and his theses, in the Platonic corpus transcends the limits of the presence of the character Gorgias in the seven dialogues in which he is mentioned by Plato. Faced with a multifaceted influence – which ranges from issues related to language, passing through metaphysics, politics and the statute of art – it is necessary to make a cut to better evidence the Platonic appropriation and re-elaboration of the Gorgian conceptual framework. The intention is to reread some moments of the Platonic text by highlighting the direct and indirect references that are contained in it, both from sophistry in general and from Gorgias de Leontinos in a specific way. The thesis to be defended is that the main theoretical hypotheses presented by the Sophists, and by Gorgias in a prominent way, must be considered essential for the construction of Platonic philosophy – even if it is constituted as a reaction or selective appropriation of those. Thus, the Platonic industry does

¹ Docente Permanente do PPGFIL da Universidade Estadual do Ceará.

not consist only of disqualifying the Gorgian philosophical edifice, in order to build its theses on its ruins, but also using some concepts of Gorgias' philosophical enterprise as main beams of the new reflective perspective that the disciple of Socrates committed to developing.

Key-words: Gorgias; Plato; Sophistry; Platonism; Discourse.

Introdução

No decurso do último século, com o desenvolvimento de pesquisas filológicas, estilométricas e filosóficas, tornou-se cada vez mais evidente a existência de uma relação muito peculiar entre as teses centrais defendidas pelos sofistas e a filosofia platônica. Como paradigmas para a imagem do “adversário a ser vencido”, os sofistas contribuíram, em vários diálogos, para a apresentação, defesa e postulação dos principais conceitos que Platão viria a constituir em seu discurso filosófico.

Dentre os sofistas, nomes como os de Górgias de Leontinos, Protágoras de Abdera, Hípias de Élis, Trasímaco da Calcedônia, Antifonte de Atenas, Pródico de Ceos, dentre outros, figuram com considerável destaque nos textos platônicos, sendo esses os principais sofistas com quem Platão parece ter mais interesse em interagir. Uma parte desses pensadores figuram como personagens centrais em alguns diálogos – geralmente como forças antagônicas a Sócrates –, mas também estão presentes nos textos platônicos de modo indireto, por meio de personagens que encarnam suas teses.

Estes representantes da sofística, e suas principais concepções teóricas, selecionados intencionalmente por Platão, constituem parte do universo dialético-dialógico que o autor constrói dramaticamente em seus escritos. Um dos interlocutores privilegiados de Platão é o grande orador, Górgias.

A tradição de autores que defendem uma velada, irônica e crítica apropriação platônica das teses gorgianas é variada, de tal forma que se apresenta aqui apenas um número limitado de tais pesquisadores visando ilustrar esta já consolidada frente de pesquisa da filosofia antiga na contemporaneidade, dentre esses investigadores destacam-se Bieda (2010) Brisson (2007), Calogero (1957), Schiappa (1992), Coelho

(1997), Corrigan (2004), Cassin (2005), Cooksey (2010), Macedo (2001), Santos (2011), Soares (2010).

É partindo desse universo reflexivo já iniciado por esse conjunto de autores, que a presente pesquisa pretende debruçar-se sobre a análise dessa herança conceitual que Górgias relega a Platão em alguns poucos diálogos, e mais especificamente em um dos mais célebres textos platônicos, *A República*, uma vez que o rastreamento de todo este legado gorgiano revela-se obra demasiadamente extensa².

1. Rastros gorgianos na *Apologia*, no *Górgias* e no *Fedro*

Iniciando nosso percurso aproximativo entre Górgias e Platão, fazemos referência às estratégias utilizadas por Platão para defender seu mestre na *Apologia de Sócrates* as quais seguem de muito perto o esquema gorgiano apresentado na *Defesa de Palamedes* (COULTER, 1964).

Destaque-se o fato de a argumentação gorgiana exposta no §14 da *Defesa* apresentar-se como uma oposição àquilo que será um dos mais populares princípios éticos da filosofia socrática. É assim que o sofista expõe seu argumento: “Mas seria realmente muita tolice acreditar e aceitar isso: pois quem escolheria a escravidão em vez da soberania, o pior em vez do melhor?”³ (*Pal.*, §14).

A discussão sobre a proximidade entre a *Defesa e a Apologia* gira também em torno de se saber até que ponto Platão apropria-se ou parodia a obra de Górgias; com maior precisão no que se refere à diferenciação platônica entre o discurso dos políticos/retores e o discurso do filósofo (CHIALVA, 2016, p.27).

² O uso do termo “herança”, em referência ao conjunto de teses gorgianas que influenciaram a produção filosófica de Platão, que se fará no presente trabalho não tem a pretensão de desqualificar a originalidade da abordagem platônica sobre determinados temas que já dominavam a ambiência filosófica de sua época, e sim, a intenção de demonstrar que de alguma maneira – construtiva ou reativa – Górgias é um interlocutor de destaque, apesar de ausente como personagem de grande parte do *corpus platonicum*. Partindo deste pressuposto, a leitura do texto platônico tornar-se-á mais rica e com outras nuances, que, passam despercebidas numa leitura superficial da obra de Platão.

³ Utilizamos aqui a tradução de Cornelli (2016).

Neste campo – da constituição e finalidade dos discursos –, a distinção/aproximação entre Platão e Górgias pode ser exemplificada a partir do uso de dois termos que cada um dos autores, respectivamente, utiliza para justificar a elaboração de quadros discursivos: εὐνοια (benevolência/favor) e ἀπάτη (engano/ilusão).

Dentre os vários registros de *eunoia* no texto platônico, destacam-se aqui quatro passos diferentes em dois diálogos específicos, três vezes no *Górgias* (485a, 486a, 487a) e uma vez no *Protágoras* (337b). Essa “benevolência”, em todos os contextos, refere-se à disposição de estar aberto ao diálogo com o outro.

Especificamente no *Górgias* 486e-487a, Sócrates argumenta com Cálicles acerca dos três pressupostos que um debatedor precisa ter para realizar um correto exame sobre a disposição da alma de outrem: conhecimento (ἐπιστήμην), benevolência (εὐνοίαν) e franqueza (παρρησίαν).

Sócrates: Bem sei que, se tu concordares com as opiniões da minha alma, bastará para elas próprias serem verdadeiras. Pois penso que a pessoa apta a verificar, de modo suficiente, se a alma vive ou não de forma correta, deve ter três coisas que tu possuis em absoluto: conhecimento, benevolência e franqueza. (*Gor.*, 486e-487a).

Deste modo, o estabelecimento do diálogo entre dois indivíduos somente é possível por meio de uma inclinação mútua, e prévia, para a interação; mesmo que já seja notória a diferença ou proximidade de opiniões entre tais interlocutores, faz-se necessário *eunoia* para que haja comunicação, e não apenas proferimentos unilaterais de discursos. A *eunoia* é assim o elemento que constitui o acordo (homologia) entre os partícipes de um debate.

O conceito de *apate* em *Górgias*, por sua vez, pode ser considerado como aquele que, dentro da cosmovisão gorgiana, procedimentalmente equivaleria ao de *eunoia* em Platão. Entendendo que o engano/a ilusão⁴ é a única instância de construção – por parte

⁴ Sobre o debate referente a tradução de *apate* no pensamento gorgiano sugere-se o excelente artigo de DINUCCI (2017).

do orador – e compreensão – relativa ao ouvinte – da realidade; pois uma pretensa certeza da realidade jamais poderá ser acessada enquanto tal, constituindo-se isto o fundamento da tragédia existencial, conforme Cassin (2005, p.34).

Segundo o meontológico pressuposto gorgiano *a) Nada não existe; b) se existir é indiscernível; e c) se existir e for cognitivamente acessível será, entretanto, linguisticamente intransmissível* –, por isso apenas por meio do discurso que se apresenta a verdade como verossimilhança.

Se a aspiração pela verdade persiste, apesar das impossibilidades ontológicas e gnosiológicas é necessário instituir um caminho que apazigue essa condição desejante do humano. A proposta gorgiana é a ilusão/engano/sedução que, por meio da persuasão (*πειθώ*), constrói o único campo de concórdia entre os indivíduos; ainda que provisório e frágil (DINUCCI, 2017, p. 38).

Para Plebe (1978, p.15) o cerne desse uso metódico da *apate* pelo pensamento gorgiano pode ser analisado nos §§8º e 9º do *Elogio de Helena*; ali o sofista além de defender a potência criadora do *logos*, também demonstra a natureza encantatória/sedutora da discursividade.

Há uma longa tradição de intérpretes que associam a *apate* a única e limitada possibilidade de dotação de sentido da realidade através de sua insuperável conexão com a persuasão. Um dos exemplos mais célebres é a argumentação de Untersteiner segundo a qual:

Parece que o engano (*apate*) constitui o ponto capital que se quer ressaltar na conclusão, mais do que a anulação do ente; “as demonstrações enganam” significa que o engano, a medida em que destrinça as antíteses contraditórias, escondidas na essência das coisas, e impõe uma antítese por meio da “persuasão”, acaba por ressaltar a ambivalência do *lógos* e, portanto, a impossibilidade de uma demonstração unívoca (UNTERSTEINER, 2012, p. 237).

Diferencie-se ainda *ἀπάτη* (engano/ilusão/sedução) de *ψεύδος* (falso). Enquanto este tem um caráter eminentemente moral/ético, aquele se relaciona à teoria do conhecimento, ou como proporá Górgias, aos mínimos elementos condicionantes de

apresentação da realidade. Assim tem-se na *apate* um momento criativo, enquanto que o *pseudos* visa uma interdição do conhecimento.

A concepção gorgiana de *apate* fica mais evidente a partir da leitura deste fragmento de Plutarco sobre as teses gnosiológicas deste sofista:

A tragédia floresceu e tornou-se célebre por ser um recital e um espetáculo admirados pela humanidade e por ter fornecido aos mitos e às paixões poder de ilusão (*ἀπάτην*). Tal como diz Górgias, aquele que iludiu (*ἀπατήσας*) é mais justo do que o que não iludiu (*ἀπατήσαντος*), e aquele que é iludido (*ἀπατηθείς*) é mais sábio do que o que não é iludido (*ἀπατηθέντος*). Com efeito, quem iludiu (*ἀπατήσας*) é mais justo porque fez o que prometeu; quem é iludido (*ἀπατηθείς*) é mais sábio, pois quem se deixa impressionar facilmente pelo prazer das palavras não é insensível. (*Glo. Aten.*, V, 348c)

Infere-se assim que engano/ilusão não são elementos negativos da concepção filosófica de Górgias⁵, e sim, um instrumento imprescindível para o balizamento mínimo das estruturas epistêmicas em que se apoia o conhecimento de acordo com o sofista.

Para Casertano (2010) o discurso é o único meio para compreender aquilo que afeta a alma, e por isso, constitui-se o único substrato de realidade e verdade que se pode acessar no mundo. Sendo então a sedução persuasiva o mecanismo psicagógico da filosofia gorgiana, ela instaura o limitado e movediço fundamento paidético de formação da alma humana.

Já no caso da aproximação entre Górgias e Platão a partir do *Fedro*, as influências gorgianas aparecem em vários momentos, tanto de modo explícito, como

⁵ É importante destacar que entre os especialistas não há dúvidas que houve uma Filosofia gorgiana (CASSIN, 2005; SANTOS, 2011; UNTERSTEINER, 2012), isto é, uma reflexão racionalmente fundamentada que se empenha em dar conta da totalidade da realidade e dos meandros desta a partir de uma crítica e reelaboração das teses filosóficas até então predominantes, especialmente com relação ao eleatismo. Compreende-se como Filosofia gorgiana o conjunto de pressupostos teóricos propostos pelo sofista que podem ser resumidos nas seguintes teses: uma teoria gnosiológica que pressupõe um fundamento imanente da realidade onde os *pragmata* são a única fonte de conhecimento; uma meontologia onde a própria definição de *phýsis* identifica-se com a de não-ente (UNTERSTEINER, 2012, p.223); uma ética que está intrinsecamente relacionada aos contextos específicos vividos (*kairoí*) e a *apate*; e a retórica como psicagogia por excelência.

implícito. Em 261c, Platão faz referência direta a Górgias, associando seu nome ao desenvolvimento da retórica em sua época⁶. Em outra citação platônica a Górgias, agora em 267a, Platão ironicamente louva ao sofista de Leontinos, ao lado também de Tísias e Pródico, como aqueles que primeiro desenvolveram e defenderam as técnicas retóricas.

Entre os passos 270b-271c, Platão compara a retórica à medicina: “Com a arte retórica passa-se mais ou menos o que se passa com a Medicina” (*Fedro*, 270b). A discussão platônica evidentemente correlaciona-se ao §14 do *Elogio de Helena* onde Górgias, de maneira análoga, também afirma esta semelhança: “A força do discurso em relação à disposição da alma é comparável às prescrições dos medicamentos em relação à natureza dos corpos” (*EH* §14).

Além disso, a temática da retórica estará presente durante todo o diálogo por meio de seus personagens: Fedro, o jovem amante de discursos; Lísias, o velho orador, disposto a encantar o jovem *eroumenos* por meio de um magnetismo discursivo; e o próprio Sócrates, outro amante de discursos, porém mais amadurecido que Fedro que personificando o poder encantatório do discurso inicialmente, reelabora suas palavras de modo a restituir a *eros* a devida honra que lhe é devida.

No diálogo eponímico, Górgias é apresentado como o modelo do retor-sofista; um verdadeiro perito na arte da retórica. O objetivo central do diálogo é a denúncia daquilo que parece ser os malefícios que podem ser derivados do uso indiscriminado da retórica, sobretudo no âmbito ético-político, para uma sociedade.

Algo importante a ser apontado, ainda que não discutido neste momento, é o uso que o próprio Platão faz de argumentos retóricos para atacar a retórica enquanto tal, ou mais propriamente a retórica utilizada pelos sofistas (SANTOS, 2011, p.56; LOPES, 2008, p.24).

⁶ Neste contexto do diálogo, Sócrates está conversando com Fedro sobre a natureza da retórica e mais especificamente acerca das regras e artificios que constituem a mesma, os quais podem ser observados já na literatura homérica – como caso do texto de Homero através de personagens como Nestor, Ulisses ou Palamedes que teriam desenvolvido tratados sobre a retórica. A intensão de Platão não parece ser dar historicidade a tal afirmação, uma vez que o próprio Fedro afirma não reconhecer tais figuras como retores, mas fazer um paralelismo de ideias com a personalidade daqueles personagens e as teses de Górgias e Trasímaco, célebres sofistas naquela época.

A percepção que se cristalizou na tradição sobre o Górgias, personagem histórico, deve-se muito mais a este diálogo platônico do que à própria doxologia do sofista que foi preservada pela tradição. Alguns dos passos paradigmáticos para compreensão do *Górgias* platônico estão compreendidos no intervalo de 456b-457c. Nestes há a célebre referência à capacidade do orador de discorrer sobre qualquer assunto melhor do que qualquer profissional especializado no tema.

Podemos ainda citar o passo 458e-459a, no qual há a famosa assertiva – característica fundamental da sofística – de que Górgias seria capaz de ensinar qualquer indivíduo que se tornasse seu aluno a arte retórica, e através desta capacitá-lo a compor discursos persuasivos apropriados para o convencimento de qualquer público, mormente àquele presente nas reuniões públicas relativas à política.

Os debates entre Górgias e Sócrates parecem minimamente respeitáveis no curso do diálogo, é contra Polo e, especialmente Cálicles, que o filósofo de Atenas parece ser mais contundente, e muitas vezes irônico, empenhando-se em demonstrar as contradições e falhas argumentativas destes dois últimos personagens.

Sobre esse tratamento diferente que Platão confere ao personagem Górgias em seus debates com Sócrates e a finalidade de tal postura, Lopes apresenta as seguintes indagações e proposições:

Por que Sócrates apela ao valor de verdade das conclusões alcançadas pelo *elenchos* somente no confronto com Polo e Cálicles? Por que essas “questões de método” não são apresentadas a Górgias? Uma resposta simples e direta seria que os fins pretendidos por Sócrates em cada um dos Atos do diálogo são diferentes: no caso de Górgias, Sócrates pretende simplesmente mostrar ao interlocutor e à sua audiência que ele, embora pareça saber, nada sabe sobre a sua própria arte; no caso de Polo e Cálicles, por outro lado, Sócrates busca refutar teses contrárias às suas convicções morais, e, nesse sentido, a refutação do adversário implicaria a demonstração do valor de verdade das suas próprias teses. Seriam propósitos diferentes, portanto, que moveriam Sócrates nesses confrontos. Seguindo as sugestões de P. Woodruff, que serão analisadas adiante, são duas espécies de *elenchos* distintas que se distinguem precisamente por seu propósito: o *elenchos* purgativo, cujo intuito é conduzir o

interlocutor à contradição, como no caso de Górgias, e o *elenchos* defensivo, cujo intuito é mostrar ao interlocutor que defende teses contrárias às de Sócrates que é impossível continuar a defendê-las sem cair em contradição. (LOPES, 2008, p.15,16)

Já Santos, faz a seguinte afirmação sobre a maneira platônica de referir-se ao Górgias histórico:

[...] a relação de Platão com os grandes sofistas é sempre ambivalente: por um lado, litigiosa; por outro, receptiva, dialogante e crítica. É por isto que há que distinguir o respeito que lhe merecem Protágoras e Górgias, que ele tão bem aproveita e a quem se dirigem as suas teses, do escárnio com que se refere a epígonos como Eutidemo e Dionisodoro, passando pela ironia cáustica que destina a Antístenes, Pródico e Hípias (que sobre ele não terão exercido influência). Num outro plano se acha a crítica às teses políticas de Trasímaco e Antifonte. Todavia, nelas como nas atrás citadas, o exame dos passos relevantes dos diálogos mostra que a polémica contra os sofistas nunca coibiu o filósofo de importar, explorar e reelaborar as concepções sofisticas que ele próprio combate. (SANTOS, 2011, p.56)

Desta maneira, mais do que uma afinidade com Górgias, quando Platão, através de Sócrates, ataca mais sistematicamente os argumentos de Polo e Cálicles do que os de seu mestre, é um reconhecimento de que as teses do Leontino são muito mais complexas e elaboradas – e por isso dignas de maior reflexão e consideração – do que a de seus discípulos.

Entretanto, o próprio Lopes (2008, p.55,56) levanta fortes questionamentos sobre a postura de fuga que Sócrates adota em relação a um embate direto com Górgias após o momento introdutório do diálogo. Mesmo depois de o sofista insistir na retomada do diálogo com Sócrates visando rever certos pontos em que aquele considerava ter expressado-se de maneira precipitada (463d-464a), o mestre de Platão não retorna ao embate com o sofista.

O filósofo, ao evitar o debate direto com Górgias, preferindo Polo e Cálicles, estaria produzindo, de modo deliberado e intencional, um empobrecimento nos argumentos que representariam a base conceitual da sofística.

Esse “empobrecimento”⁷ do debate no *Górgias* pode ser percebido, para além daquilo que se constitui argumentativamente no texto, por meio de um detalhe dramático deste texto platônico. Enquanto Górgias é um pensador de renome naquele contexto histórico, Cálicles é, ao que tudo indica, mais uma máscara platônica, personagem fictício, criado exclusivamente para criticar determinado indivíduo, ou classe de pessoas, envolvidos na vida política da Atenas do século V a.C.

A não-historicidade da personagem confere a Platão total liberdade para construí-lo de maneira tão caricatural que sua postura e argumentos podem recair tanto sobre um Antifonte, cuja discussão sobre *nomos* e *physis* está presente nos argumentos de Cálicles, como sobre os políticos contemporâneos de Platão, uma vez que Sócrates declara que aquele estava iniciando sua carreira política⁸.

2. Górgias de Leontinos n’*A República*

Apesar destas importantes referências ao pensamento de Górgias nestas quatro obras platônicas, resta-nos ainda analisar, de que modo o “texto áureo” do pensador ateniense, isto é, *A República*, conteria, ainda que de forma indireta, respostas platônicas à concepção sofístico-gorgiana de filosofia.

Seguindo aquilo que, pormenorizadamente, Coelho (2011) desenvolve em seu instigante artigo “*Considerações sobre ontologia, retórica, imagem e verossimilhança*

⁷ Entenda-se aqui “empobrecimento” dos argumentos sofísticos no debate como o desvio que há no interior do diálogo com relação às questões centrais defendidas pela sofística, as quais repercutiriam sobre aquilo que seria propriamente a definição do que é retórica. Ao invés de confrontar os argumentos mais complexos e conhecidos de Górgias e dos demais sofistas de destaque, Sócrates concentra-se nas refutações contra os frágeis exercícios retóricos de Cálicles, que representam muito mais a frágil erística e não a clássica sofística.

⁸ Esta hipótese literária, do mascaramento das críticas platônicas a políticos contemporâneos por meio da ficcionalidade da personagem Cálicles, está amplamente registrada na literatura especializada. Bravo (2013) discute de modo pormenorizado essa natureza artificial e caricatural da personalidade e argumentação de Cálicles.

em Platão”, parece ser possível defender que há uma relação de influência entre as filosofias platônico-gorgiana. No citado artigo a autora apresenta os conceitos que Platão herda, ou mesmo desenvolve como resposta, a partir do texto do sofista.

Partindo do horizonte proposto pela autora, pode-se defender a possibilidade de que os célebres passos do Livro VII da *República*, usualmente denominados de “alegoria da caverna”, foram elaborados por Platão levando em conta o horizonte da filosofia gorgiana, de modo especial os três princípios básicos da meontologia-epistemologia de Górgias que são expressos em sua obra *Tratado sobre o não-ser ou sobre a natureza*⁹.

Uma possível aproximação entre a *República* e o *Sofista* ambos de Platão e o *Tratado* de Górgias, é defendida por Coelho (2011, p.187). Esclarecendo a relação do texto platônico com a produção filosófica que o antecedeu, especialmente quanto a Parmênides e Górgias, a mesma autora afirma ainda:

A segunda [hipótese] é considerarmos os textos de Platão como resposta a determinados pensadores que o precederam. Isso pode parecer óbvio – e é –, mas muitas vezes o óbvio é esquecido. Não é minha intenção, para tratar da relação entre aparência e realidade e entre verdade e falsidade em Platão, fazer um elenco das considerações feitas sobre este tema nos filósofos que o antecederam. Pretendo, sim, em certos momentos-chave, tentar apontar para um diálogo que ele trava com dois deles – Parmênides e Górgias –, que não apenas deram nomes a seus diálogos, mas cujas ideias no campo da ontologia foram discutidas e criticadas por Platão. (COELHO, 2011, p.188)

O *Tratado* gorgiano constitui-se assumidamente como um sistemático ataque às teses sobre o ser e a realidade assumidas pelo eleatismo – em especial aquelas

⁹ A hipótese que se defenderá a partir deste momento é a existência de um sutil paralelismo entre a clássica imagem platônica e as teses gorgianas. A plausibilidade de tal aproximação reforça ainda mais a atenção de Platão ao pensamento de Górgias. Assim, por esta chave hermenêutica pretende-se apresentar uma outra prova do lugar do Sofista de Leontinos como interlocutor privilegiado do grande discípulo de Sócrates.

defendidas pelo filósofo a quem a tradição coube o papel de definir como fundador desta estrutura de pensamento: Parmênides.

Para atestar este fato, basta que percebamos que o texto de Górgias possui uma arquitetura argumentativa interna que procura apresentar-se como uma antítese das teses do filósofo de Eleia que estão propostas no texto deste que se tornou mais conhecido desde a Antiguidade, o *Sobre a Natureza*.

Quanto a esse caráter replicante da estrutura do *Tratado*, defende Lopes:

Essas três teses gorgianas, então, são de natureza ontológica, epistemológica e logológica (i.e, relativa à linguagem), respectivamente, e estão encadeadas de forma necessária. Esse encadeamento não é fortuito: se considerarmos que Górgias está refutando as postulações ontológicas de Parmênides, veremos que a conjunção dessas três teses fundamentais nega justamente a ‘triade parmenídica’ *ser, pensar e dizer*. (LOPES, 2006, p. 33)

Górgias, no primeiro parágrafo do *Tratado*, §65, apresenta sua postura anti-eleática, que se percebe em seus três argumentos básicos, os quais serão desenvolvidos nos parágrafos posteriores da obra e podem assim ser sinteticamente parafraseados: Nada é, se algo existir, não será apreensível aos homens e se algo existir e for apreensível, será intransmissível e inexplicável a outro indivíduo.

A intenção do sofista no *Tratado* é demonstrar que a tese de uma identidade entre ser e pensamento, onde os entes pressupostos são lógica e ontologicamente existentes, e por consequência constituintes do real – como Górgias compreendia que o eleatismo defendia – é falsa ou no mínimo deve ser compreendida como pertencente ao campo da opinião (δόξα) e por isso muito mais próxima da verossimilhança do que de uma verdade absoluta.

É partindo das fortes críticas gorgianas a Parmênides que Platão construirá suas teses filosóficas, tanto no campo das questões relativas ao ser como nas concernentes a teoria do conhecimento, com conceitos aparentemente muito próximos àqueles utilizados por Górgias, mas com a intenção real de revisitar a filosofia parmenidiana e seu projeto de fundamentação ontológica do real.

A hipótese central para a filosofia gorgiana que é apresentada no primeiro parágrafo do *Tratado*: Nada é. Esta assertiva categórica de Górgias tem como objetivo situar todo conhecimento da estrutura da realidade na esfera das imagens, sendo estas o único fundamento, frágil e móvel, que existe para compreensão do cosmos.

Deste caráter imagético do universo, que Górgias pressupõe como única condição para o desenvolvimento do conhecimento da realidade, Platão apropria-se, não para fundamentar sua ontologia – como faz o sofista – mas para servir de instrumento de mediação e apresentação do cosmos. A complexidade dos entes existentes, que possuem sua manifestação de simulacro no mundo físico e a fundamentação onto-epistêmica das formas pode ser melhor compreendida por meio das sombras, fantasmas e imagens.

É tomando este movimento agônico da filosofia antiga, constituído pela tríade de pensadores: Parmênides-Górgias-Platão, que Coelho articula a célebre passagem do Livro VII da *República* com os debates em torno dos conceitos de verdade, realidade e aparência, dando ênfase em alguns aspectos técnicos da tradução do texto que podem influenciar diretamente na interpretação do mesmo. Assim declara a autora:

Começamos por chamar a atenção para o modo como certos termos foram traduzidos: realidade é utilizada como significado tanto de *tò alethès* como de *toû óntos*, bem como mais reais de *alethèstera*. Ver de modo mais correto (*orthóteron*) é ver de verdade, assim como julgar... na verdade é *toi onti*. Vemos, então, que na própria linguagem estão imbricadas formas de ser e formas de dizer o que é, ou seja, ontologia e epistemologia. (COELHO, 2011, p.194)

Retomando as teses defendidas por Górgias no *Tratado* podemos compreender que o sofista, por sua vez, demonstra com sua postura crítica em relação à metafísica que se algo é, necessariamente terá de ser apenas enquanto uma “construção discursiva”, ou seja, as coisas são apenas aquilo que o *logos* abarca através de nossos “exercícios”¹⁰ (παίγνιον) discursivos.

¹⁰ Sigo aqui a tradução de *παίγνιον* proposta por Santos (2011, p.56) que parece melhor do que a equivalência do termo a “jogo” ou “passatempo”, que poderiam induzir o leitor a uma compreensão

Ressalte-se, assim, que pressuposto da filosofia gorgiana desembocará no reconhecimento da onipotência do discurso, tese extremamente importante para o pensamento gorgiano, e que será defendida tanto aqui no Tratado como em seu *Elogio de Helena*¹¹.

Esta concepção gorgiana, assim como a reação platônica é assim esclarecida por Santos:

Em Górgias, o pensamento usa a linguagem para estruturar a realidade e agir (B3.84-86). O discurso deve renunciar de todo à preocupação de dizer a realidade, limitando-se a exprimir uma posição pessoal e imprimi-la em outros, usando ‘o que está fora’, a chamada ‘realidade’, como referência intencional do discurso: ‘O logos não é ‘presentativo’ (*parastatikos*) do que está fora, mas é o que está fora que é ‘revelador’ (*ménytikon*) do logos’: B3.85; ‘o logos não mostra a multiplicidade dos subsistentes (*ta polla tôn hypokeimenôn*), tal como aqueles não tornam visível a natureza uns dos outros’: B3.86). Para Platão, pelo contrário, a inaptidão do discurso para dizer as coisas (a sua “fraqueza”: *Carta VII* 342a-344d), é invocada para justificar a orientação do pensamento para as Formas (*Crátilo* 439b-c). Esta decisão permite supor que a TF visa corrigir as teses expressas por Górgias não só em B3, mas ainda em *Helena e Palamedes*. (SANTOS, 2011, p. 57)

Pode-se também defender que o sofista de Leontinos, no seu Tratado, procura demonstrar que a identidade entre ser, pensar e dizer é insustentável, pois a base desta identidade, o ser, não passa de uma construção discursiva¹², ou seja, este não existe enquanto o suposto ente imutável como o sofista entendia que o eleatismo de sua época veio a defender –, por isso não se pode identificar o discurso com o nada.

Uma síntese desta natureza criativa do discurso no pensamento de Górgias é-nos apresentada por Paes:

errônea que relacionasse a produção filosófica de Górgias a um puro entretenimento discursivo, o que não é o caso.

¹¹ Recomendamos a leitura da pesquisa anterior que já realizamos sobre essa intrínseca correlação conceitual entre o Tratado e o Elogio (BRAZIL, 2016).

¹² Untersteiner (2012), com sua postulação do discurso como única via de garantia e construção do conhecimento na tragicidade da realidade, e Cassin (2005) ao defender o prazer discursivo como afeto fundante da realidade, são clássicos intérpretes da leitura do discurso como recurso de construção do ser.

A "ontologia às avessas" não há que ser entendida como "ceticismo", "niilismo", ou o que mais se quis (ao modo dos manuais), o que, afinal, seria ainda ontologia. Górgias, a rigor, nada diz, textualmente de seu, no sentido de que se possa atribuir-lhe qualquer doutrina. Não nos iludamos: seu texto não tem "conteúdos", só "forma", se aceitarmos violar "leis" vigentes da ciência linguística, hoje. Seus "conteúdos" são a "forma" e os "conteúdos" dos discursos que desconstrói. Quer "destruir" a ontologia? Não. O que faz é uma "mostração" da força da linguagem, em sua materialidade, por meio de uma estruturação sintática só de significantes, posto que nada diz, por só dizer, "nada é". (PAES, 1992, p.46)

Fica evidente para Górgias, a partir destes argumentos, que toda a empresa de uma ontologia constituinte e fundante do real é, apenas, produto de um impreciso discurso eleático, especialmente de Parmênides.

É tendo como pressuposto todo este embate entre Parmênides e Górgias que as principais teses onto-epistemológicas de Platão florescem; é evidente que o pensamento platônico sofre fortes influências de ambas as perspectivas filosóficas. Todavia, a novidade trazida pelo ateniense à discussão em análise é a proposição de uma terceira via: sua teoria das Formas.

Essa relação, Górgias e Parmênides, foi importante para Platão, tanto que Lopes conclui que Platão é o resultado da intercessão dos domínios reflexivos destes dois pensadores:

Embora Platão construa a imagem do filósofo em oposição a do sofista, a relação entre essas duas figuras típicas dos séc. V e VI a.C era mais íntima do que Platão queria legar-nos. [...] Górgias, no *Tratado Sobre o não-ente ou Sobre a Natureza*, se insere no âmbito de reflexão 'propriamente filosófico', e que sua reação contra o *Poema* de Parmênides é expressão genuína desse fato. *Górgias vs. Parmênides*, 'sofista vs. Filósofo': só pode haver esse embate se há uma interseção entre os respectivos domínios de reflexão. (LOPES, 2006, p.48)

Diante dessas possibilidades aproximativas entre o pensamento de Parmênides, Górgias e Platão – entendendo o mestre da Academia como um expectador privilegiado de todo o embate entre eleatas e sofistas que lhe precedeu – pode-se supor que a constituição da, tradicionalmente denominada, *alegoria da caverna*, é um momento de construção da filosofia platônica que leva em consideração as críticas de Górgias à relação entre ser, conhecer e dizer que foram propostas por Parmênides.

Se considerada plausível tal possibilidade da influência gorgiana no pensamento platônico pela via da releitura das críticas do sofista a Parmênides, pode-se por dedução supor que seria verossímil pensar que Platão pudesse usar o argumento desenvolvido na *alegoria* como fundamento estratégico para apresentar suas críticas ao enunciado gorgiano de abertura do *Tratado* e assim reaproximar-se-ia de Parmênides e suas teses sobre a relação entre o ser e o *logos*.

Desse modo, poder-se-ia analisar a alegoria dos passos 514a-517b do Livro VII da *República*, tradicionalmente decomposta em três momentos-chaves: a) *Saída forçosa da caverna*; b) *(Re)Conhecimento da realidade exterior a prisão sombria*; c) *Retorno ao antro subterrâneo com fins a comunicar a verdade a todos*; em conjunto com a divisão argumentativa utilizada por Górgias no *Tratado*, da seguinte forma: o momento inicial no qual Sócrates descreve a miserável situação dos indivíduos que indeterminadamente permanecem acorrentados no fundo da caverna (514a-515c) seria a resposta platônica a afirmação gorgiana “Nada é”.

Ou seja, apesar de uma condição miserável na qual tudo o que se conhece não é, existe – ainda que inexplicável de maneira lógica, muito menos justificada de maneira política – a possibilidade de saída desta condição, com a sucessível experiência da progressiva ascensão onto-epistemológica.

Como defende Coelho:

[...] embora Platão não fale de graus de realidade, o fato de ele usar expressões como “completamente real” (*pantelôs ón*, 477a), “puramente real” (*toû eilikrínous óntos*, 477a, 478d, 479d), “perfeitamente real” (*teléos ón*, 597a) ou “realmente real” (*klínes óntos oúses*, 597d) indicaria a existência de vários tipos de realidade, inclusive entre o não-ser e o ser, pois como Platão escreve, “eles [os

sensíveis] são e não são” (*eínai te kai mé eínai*, 477a, *ón te kai mè ón*, 478d). Olhar para esses objetos é buscar a sua essência. (COELHO, 2011, p.195)

Ainda que de maneira precária e limitada, há um substrato que fundamenta a realidade, o qual, se não pode ser acessado com todas as garantias parmenideanas, pode, conforme defenderá Platão a partir de sua teoria das Formas, ser seguramente apresentado como um postulado lógico-ontológico.

Já a descrição de todo o processo ascendente de saída da caverna, bem como o esforço empreendido pelo prisioneiro liberto para conseguir compreender o que existia fora de sua obscura prisão (515c-516c) até chegar ao ponto de vislumbrar a própria fonte da visão em si – o sol/bem –, contrapor-se-ia ao segundo argumento gorgiano “se algo existir, não será apreensível aos homens”.

A saída platônica para o segundo postulado de Górgias no *Tratado*, isto é, o problema da indiscernibilidade dos entes se estes forem considerados como existentes, refere-se ao poder modelador do pensamento. Esta tese de Platão, que o aproxima muito de Górgias, é apresentado por Coelho (2011, p.197) a partir de um outro momento da *República* (Livro IX 588b-c), mas cujos resultados podem, sem perdas ou exageros, ser facilmente aplicados à segunda etapa do movimento do prisioneiro da *Alegoria*.

De acordo com a autora:

Vemos, novamente, em um momento crucial da estrutura argumentativa do texto, a presença de uma, diríamos, imagem explicativa, para tratar da unidade do ser, como também a capacidade do pensamento moldar o que quiser – fato importantíssimo no argumento de Górgias no *Tratado do não-ser* (doravante, TNS), em sua crítica às concepções ontológicas e cosmológicas dos primeiros fisiólogos, pois não haveria critério para distinguir as suposições de um ser finito ou infinito, uno ou múltiplo, gerado ou não gerado, já que o pensamento é capaz de pensar coisas absurdas (*átupon*, TNS, 67, 70) como homens voando (TNS, 81) ou Cila e Quimera (TNS, 81). (COELHO, 2011, p.197)

Para Platão, este processo de plasmar o cosmos no pensamento, que se inicia pobre e infundado ainda dentro da caverna consegue ganhar força e proximidade com a verdade, na medida em que o indivíduo afasta-se de sua cadeia subterrânea e encoraja-se por trajetória nunca antes traçadas por ele. A realidade que nunca é imediata – na caverna ou fora dela – precisa sempre ser mediada pelas estruturas epistêmicas que o indivíduo possui.

E finalmente, o regresso do prisioneiro livre para a caverna, com a intenção de comunicar aos seus amigos a ilusão na qual estes viviam (516c-517a) é o imediato contraponto à última afirmação gorgiana, “e se algo existir e for apreensível, será intransmissível e inexplicável a outro indivíduo”.

A compreensão do ser traz conexo a si um componente ético – talvez derivado daquilo que se convencionou chamar de intelectualismo socrático. O prisioneiro sente-se no dever de retornar ao seu *habitat* e comunicar a seus companheiros a verdade que porta.

Resta uma dúvida bastante relevante: se na afirmativa gorgiana a possibilidade de uma existência e compreensão do ser seria inviável em face da experiência absurdamente solipsista da incomunicabilidade de tal conhecimento, a Alegoria consegue refutar esta afirmativa ao seu final?

Há uma dupla possibilidade de resposta a esta questão: ou o prisioneiro liberto, que agora retorna a prisão sombria, consegue expressar o que experienciou, todavia, não consegue traduzir em verdade tal conhecimento para seus companheiros de prisão; ou Platão aponta algo mais complexo, pelo menos um ponto à frente, do que Górgias pensou reafirmando assim o poder da retórica, mas por outras vias.

A aposta na segunda opção da resposta platônica pode ser melhor contemplada no *Fedro* (259e-260d) nas palavras de ambos os personagens, tanto do jovem interlocutor de Sócrates como deste, logo no início das discussões sobre a natureza da retórica:

Sócrates – Procuremos, neste caso, refletir sobre o assunto que há momentos estávamos a examinar, isto é, o de saber o que seja

escrever e recitar bem um discurso, ou o que seja escrevê-lo e recitá-lo mal ...

Fedro – Isso mesmo!

Soc. – Pois bem, não te parece que se torna necessário que o orador se encontre bem instruído e informado acerca do tema sobre que vai discorrer?

Fed – A esse respeito, presta atenção ao que ouvi dizer: ouvi dizer que para quem deseja tornar-se um orador consumado, não se torna necessário um conhecimento perfeito do que é realmente justo, mas sim do que parece justo aos olhos da maioria, que é quem decide, em última instância. Tampouco precisa saber realmente o que parece sê-lo, pois a persuasão se consegue, não com a verdade, mas com que aparenta ser verdade.

[...]

Soc. – Todavia, não teremos, meu caro, exagerado os limites da dureza ao censurarmos assim a retórica? Pode acontecer que ela responda assim: “ de que estais a tagarelar, homens de pouca monta? Não sabeis por acaso que eu não obrigo ninguém, que ignore a verdade, a aprender a falar, mas, posto que o meu conselho tenha algum merecimento, primeiro cumpre a aprender a verdade e só depois se dedicar à minha prática? Eis, por conseguinte, o que declaro solenemente: nem por isso, o que estiver de posse da verdade a conseguirá impor sem recorrer a arte da persuasão!” (*Fedro*, 259e-260d).

Pode-se assim perceber que através de todo o processo de libertação dos grilhões, ascensão da caverna, compreensão da realidade existente exteriormente e retorno ao antro subterrâneo com a intenção de comunicar aos demais indivíduos o mundo existente, Platão pretende atacar aquilo que anteriormente Górgias já havia afirmado contra/sobre a ontologia, epistemologia e filosofia da linguagem.

3. Considerações Finais

De maneira reconhecida ou não, a presença de Górgias, e suas teses, no corpus platônico transcendem os limites da presença da personagem Górgias nos sete diálogos em que este é mencionado.

Diante de uma influência multifacetada – que abarca desde questões relativas à linguagem, passando pela metafísica, política e estatuto da arte – faz-se necessário um amplo rastreamento para melhor evidenciar a apropriação e reelaboração platônica do quadro conceitual gorgiano.

Espera-se que tenha demonstrado-se evidente o seguinte pressuposto hermenêutico: sendo Platão um autor perspicaz e atento a produção filosófica de sua época, ele realiza uma leitura seletiva do contexto filosófico no qual este vivia, e também daquele que lhe precedeu, de tal modo a extrair as questões que mais lhe atraíam para assim utilizá-las a partir de sua perspectiva filosófica.

Tem-se por conseguinte um novo contexto para analisar a relação entre as teses defendidas por Górgias e a filosofia platônica, que tradicionalmente é vista de maneira negativa em virtude dos constantes embates entre o sofista, seus supostos discípulos, e Sócrates nos diálogos construídos por Platão.

Assumindo-se esta outra perspectiva pode-se falar tanto de apropriação como de um esforço na tentativa de superação dos conceitos gorgianos dentro do texto de Platão. Deste modo será possível perceber que há muito mais de Górgias em Platão do que aquilo que alcança a historiografia filosófica tradicional.

Deste modo pretende-se tornar evidente que as principais hipóteses teóricas apresentadas pelos sofistas, e por Górgias de modo distinto, são, em grande conta, consideradas relevantes para a construção da filosofia platônica no percurso de sua construção literário-filosófica.

Assim, o interesse de Platão não seria apenas em desqualificar o edifício filosófico gorgiano, afim de erguer suas teses sobre as ruínas deste, mas também utilizar alguns conceitos da empresa filosófica de Górgias como alicerce da nova perspectiva reflexiva que o grande discípulo de Sócrates comprometeu-se a desenvolver.

Referências bibliográficas

BIEDA, Esteban Enrique. Gorgias en el Banquete de Platón: ecos del Encomio de Helena en el discurso de Agatón. *Elenchos* 31, 2010, 213-241.

- BRAVO, F. ¿Quién es y qué enseña el Calicles de Platón? *Revista Archai*, [S. l.], n. 10, p. 29, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8362> . Acesso em: 18 jul. 2022.
- BRAZIL, V. T.F. *O MO(VI)MENTO DO DISCURSO*. 1. ed. PORTO ALEGRE - RS: EDITORA FI, 2016. 142p.
- CALOGERO, “Gorgias and the socratic principle Nemo sua sponte peccat”. *Journal of Hellenic Studies* (1957), pp.12-17.
- CASSIN, Bárbara. *O Efeito Sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- CAVALCANTE, G. Defesa de Palamedes (Górgias). *Revista Archai*, [S. l.], n. 17, p. 201, 2016. DOI: 10.14195/1984-249X_17_9. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8686> . DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_17_9 . Acesso em: 15 jul. 2022.
- CHIALVA, I. S. Defesa de Palamedes de Gorgias: pluralidades del "yo" que enuncia en la etopeya gorgiana. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 21–32, 2016. DOI: 10.24277/classica.v29i2.376. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/376> . DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v29i2.376> . Acesso em: 10 jul. 2022.
- COELHO, M. C. M. N. *As afecções do corpo e da alma: a analogia gorgiana entre pharmakon e logos*. In: PEIXOTO, M.C.D.. (Org.). *A saúde dos antigos: reflexões gregas e romanas*. Sao Paulo: Loyola, 2009, v. 1, p. 67-86.
- COELHO, M. C. M. N. Considerações sobre ontologia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. *Discurso* - Departamento de Filosofia da FFLCH DA USP, v. 41, p. 185-222, 2011.
- COELHO, M. C. M. N. *Górgias: verdade e construção discursiva*. São Paulo, 1997, Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.
- COOKSEY, T. L. *Plato's Symposium: A Reader's Guide*. London-New York: Continuum. 2010.
- CORRIGAN, K.& E. G. *Plato's Dialectic at Play: Argument, Structure, and Myth in Plato's Symposium*. Pennsylvania State University Press, 2004.

COULTER, J. A. UniversityThe Relation of the Apology of Socrates to Gorgias' Defense of Palamedes and Plato's Critiqueof Gorgianic Rhetoric. *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 68 (1964), pp. 269-303.

DINUCCI, A. *Górgias de Leontinos*. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos*. Tradução de Inês de O. Castro, Manuel Barbosa. Lisboa: Colibri, 1993.

LOPES, Daniel Rossi Nunes. *O filósofo e o lobo: filosofia e retorica no Górgias de Platão*. 2008. 467 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000434253> . Acesso em: 29 jun. 2022.

PAES, C. L. M. Górgias: o ser e a linguagem. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], p. 41–47, 1992.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Manuel Pulquério e Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1997.

PLATÃO. *Górgias* Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel Lopes N. de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PLATON. *Le Banquet*. Traduction inédite, introduction et notes par Luc BRISSON. 5^a Ed Paris: GF-Flammarion, 2007.

PLEBE, Armando. *Breve História da Retórica Antiga*. Tradução e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: Edusp, 1978.

SANTOS, J. G. T. Górgias e o Górgias de Platão. *Revista Archai*, [S. l.], n. 7, p. 55, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8251> . Acesso em: 18 jul. 2022.

SCHIAPPA, Edward. Rhetorike: What's in a Name? Toward a Revised History of Early Greek Rhetorical Theory. *Quarterly Journal of Speech* 78, 1992. pp. 1-15.

SOARES, Lucas. *La erótica platónica en perspectiva*. Notas para una lectura del Banquete (Estudio preliminar), en Platón, Banquete, trad. de Claudia Mársico, Buenos Aires, Miluno, 2009, pp. 13-128.

SOFISTAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução de Ana Alexandre Alves de Sousa, Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

UNTERSTEINER, Mario. *A obra dos Sofistas*. São Paulo: Paulus, 2012.